



O projeto contribui para a conservação da biodiversidade brasileira por meio do manejo sustentável.

Alto do Rio Pardo, no norte de Minas Gerais, é uma região de grande biodiversidade. Com uma área de 16,5 mil quilômetros quadrados, o local abriga 15 municípios e uma população de 192 mil habitantes, dos quais 86 mil moram na zona rural. A população tradicional que habita o local há centenas de anos — os geraizeiros — sofre por causa do uso inadequado do solo, com a monocultura de eucalipto, praticada nas grandes fazendas, e pela mineração. A restauração do cerrado e a recuperação das nascentes são prioridades dessa comunidade. Para isso, ela se esforça para compartilhar conhecimentos de técnicas tradicionais com os pesquisadores.

A localidade é um dos territórios mapeados pelo Projeto Bem Diverso, uma parceria entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). O projeto foi criado em março de 2016, com o objetivo de contribuir para a conservação da biodiversidade brasileira por meio do manejo sustentável de sistemas agroflorestais, a fim de assegurar os modos de vida das comunidades tradicionais e dos agricultores familiares. “Trata-se da primeira iniciativa com recursos do Fundo para o Meio Ambiente Global (GEF) que apoia atividades de campo e pesquisas da Embrapa na área de conservação, manejo e uso sustentável da biodiversidade”, diz Rose Diegues, oficial de Programas do Pnud.

Ameaças

Alinhado aos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da Organização das Nações Unidas (ONU), o Bem Diverso trabalha com seis regiões, denominadas Territórios de Cidadania (TC): Alto Acre e Capixaba (AC), Alto Rio Pardo (MG), Médio Mearim (MA), Sertão de São Francisco (BA) e Sobral (CE). São áreas dos biomas Amazônia, Cerrado e Caatinga reconhecidos pela importância socioambiental, mas ameaçados pelo aumento de práticas agrícolas pouco sustentáveis. Líder comunitário do Território da Cidadania Alto Rio Pardo de Minas, Moisés Dias de Oliveira vê o projeto com esperança. “Queremos levar o nosso saber tradicional para os estudiosos. A troca de conhecimento com esse corpo técnico pode trazer mais desenvolvimento para a região”, resume.

O projeto selecionou 12 espécies de plantas nativas para o desenvolvimento de boas práticas de extrativismo sustentável: andiroba, araticum, açaí, babaçu, castanha-do-pará, coquinho azedo, licuri, maracujá, pequi, umbu e veludo. Esses alimentos são considerados fundamentais na dieta das comunidades e no complemento da renda das famílias por meio da comercialização. Além disso, as comunidades usam essas espécies na construção de casas, currais e cercas, ou como lenha.

“No Alto do Rio Pardo, estamos trabalhando com araticum, maracujá do mato, pequi, veludo e coquinho azedo, que são frutos típicos da região”, explica Moisés de Oliveira. As espécies foram escolhidas pela importância que têm para a comunidade. Por meio do projeto, cerca de 1.400 técnicos e agroextrativistas já participaram de atividades técnicas e capacitações em manejo sustentável.

“É possível conservar a biodiversidade e os serviços ambientais, como, por exemplo, o provisionamento de água e a regulação climática, por meio do uso sustentável, respeitando os meios de vida das comunidades locais”, enfatiza Aldicir Scariot, pesquisador da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, coordenador do projeto.

Fonte: [Correio Braziliense](#)